



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Saussure e o Teatro: Grammelot e o falar sem "palavras"
Autor	MARIANA HÖRLLE
Orientador	LUIZA ELY MILANO

Saussure e o Teatro: Grammelot e o falar sem “palavras”

Autor: Mariana Hörlle

Orientadora: Luiza Milano

Instituição de origem: UFRGS

O presente trabalho tem como foco investigar uma técnica teatral – o Grammelot - sob a ótica da teoria saussureana. O Grammelot é um recurso de linguagem que consiste em um “jogo onomatopeico” (Fo, 1998) que imita uma determinada língua, sua sonoridade fonética e prosódica, além da gestualidade da cultura na qual se insere. Foi criado no período Barroco, na Itália, e utilizado pelos artistas itinerantes da Commedia Dell’Arte. A presente pesquisa busca estudar como este jogo induz o espectador à noção de língua, mesmo quando não há combinação de fonemas ou palavras sendo claramente ditos.

Para compreender os reflexos desta técnica no público, são analisados vídeos de famosos atores e palhaços como Charles Chaplin (1889-1977), Dario Fo (1926) e Slava Polunin (1950), em que os mesmos utilizam o Grammelot. A partir das análises dos recortes dos vídeos, são revisitadas as noções saussureanas de arbitrariedade, de recorte de unidade, de valor e a relação entre língua e fala, bem como o conceito de performance, de Paul Zumthor (2010).

A partir da noção de valor e da arbitrariedade do signo de Saussure (2012), podemos perceber que não só a massa amorfa de sons produzida pelo falante do Grammelot é necessária, mas também toda a gestualidade e a própria prosódia de uma certa língua. Sendo a imagem acústica de um signo a impressão psíquica do som, no Grammelot temos uma imagem acústica própria, também impressa num conceito estabelecido pelos atores. E, se o público não consegue atribuir um conceito a uma determinada palavra (pois se trata de uma língua desconhecida), ele é capaz de atribuir conceito ao discurso no nível da frase, muito por causa da prosódia, da gestualidade e do contexto em que se inserem os personagens.

Para encontrar a língua no Grammelot, é preciso voltar-se à fala, já que esta é tudo o que há na linguagem, mas não encontra abrigo na língua (Flores, 2012). Pensando nisto, a expressão corporal dos atores e a modulação da sua voz são tão importantes quanto o figurino e o cenário onde a encenação acontece, pois, para Zumthor, gesto, cenário, indumentária, voz compõem o código simbólico acordado entre atores e público, sendo tão importante quanto o “texto”. O recorte da unidade e a compreensão do discurso, feitos pelo espectador, podem se dar de diversas maneiras, sem nenhum prejuízo à obra, já que a arte possibilita leituras diversas e subjetivas. Além disso, o que nos faz entender o Grammelot é justamente a nossa compreensão de língua, de sua estrutura como falantes inseridos em uma cultura predominantemente oral.